

O TRIZ, O QUASE NÃO, O ACASO

José Benjamim de Lima

**“não discuto
com o destino
o que pintar
eu assino”**

(Paulo Leminski)

Pegando carona na sugestiva crônica “Lobisomem” (APMP, Artigos, 05/2025), do colega Antônio Carlos Augusto Gama, dou-me conta, para meu alívio, que, sendo, na sequência, o 6º filho de uma família de dez, escapei por um *triz* de me tornar lobisomem nas sextas-feiras de lua cheia e sair por aí, sedento sanguinário, imolando pobres vítimas que encontrasse pela frente. E para alívio também familiar o 7º filho de minha mãe foi mulher...

Como no Brasil não existe nenhuma lei protetiva apta a tornar-me automático afilhado de algum Czar ou Presidente da República, de modo a livrar-me do infortúnio, se sétimo filho tivesse nascido, triste destino teria sido o meu. Ainda bem que existe o *triz*, senão...

Tive sorte na vida. Muita sorte tive, realmente. Pois, em compensação, escapando por um *triz* do risco de virar lobisomem, tive a felicidade de também por um *quase* ter-me tornado, com muito orgulho, membro desta admirável Instituição que é o Ministério Público Paulista. E promotor de justiça não deixa de ser (convenhamos) uma espécie de *antilobisomem*...

Assim tornei-me, porque era meu destino inevitavelmente sê-lo. Não acredito, é claro, em lobisomens, nem em bruxas, nem em predestinação, nem em destino (*pero que los hay, los hay... .*). Sou mais o acaso. E o acaso predestinou-me a promotor de justiça (graças), muito embora tenha escapado por pouco de não o ser (eis aí o *quase* com sinal trocado).

Na data de minha prova oral, resolvi ir ao anfiteatro do 15º andar do Fórum João Mendes bem antes do horário estabelecido para a

minha sabatina, com o intuito de acompanhar a arguição dos candidatos que me antecederiam naquele dia. Queria, principalmente, saber das perguntas que estavam rolando e de minha capacidade de dar conta delas. Tirando os exames orais que então existiam nos meus tempos de ginásio, nunca antes participara de prova oral de qualquer concurso.

Os doutores da Banca eram muito gentis, corteses, visivelmente preocupados em deixar os candidatos bem à vontade. Mas as perguntas... Ah! As perguntas... Não havia como dourá-las! Perguntas, não tem jeito, são perguntas... E que perguntas! Enquanto acompanhava as arguições dos colegas antes de chegar a minha vez, fui sendo tomado pelo pânico, à medida que ia constatando minha dificuldade em responder a muitas das questões que estavam sendo feitas. Em dado momento, no auge do pânico, tomei uma decisão drástica, dizendo a mim mesmo: - Vou cair fora, desistir do concurso, estou totalmente despreparado para responder à Banca.

Decidido, saí do anfiteatro, pensando nunca mais voltar lá. Foi quando, já no corredor, à entrada do elevador que ia tomar para sumir do mapa, cruzei com o Dr. Luiz Aguinaldo de Mattos Vaz, então promotor de justiça da capital, trabalhando ali, naquele prédio. Não muito tempo antes, estagiara informalmente com ele, por alguns meses, na Promotoria de Justiça de Rancharia, minha cidade natal.

Ao cumprimentar-me, Luiz Aguinaldo disse estar se dirigindo ao anfiteatro, para assistir a minha prova. Já foi chamado? Perdi sua arguição? – perguntou. Ainda não – respondi - mas não vai haver arguição, estou indo embora. Como, o que aconteceu, está desistindo? Sim – respondi - não vai dar, estou muito despreparado, vou causar vexame. – Calma, calma, Benjamim, vamos ali tomar um café e conversar...

Graças à intervenção do colega fui-me acalmando aos poucos e ele conseguiu convencer-me a enfrentar o massacre, que afinal, não se

mostrou tão massacrante como meu pânico julgava. Fui aprovado! Um segundinho a menos de espera no acesso ao elevador, o providencial e salvador encontro com o colega não teria existido e provavelmente não estaria aqui, contando essa história... Bendito amigo Luiz Aguinaldo! (limajb48@gmail.com)